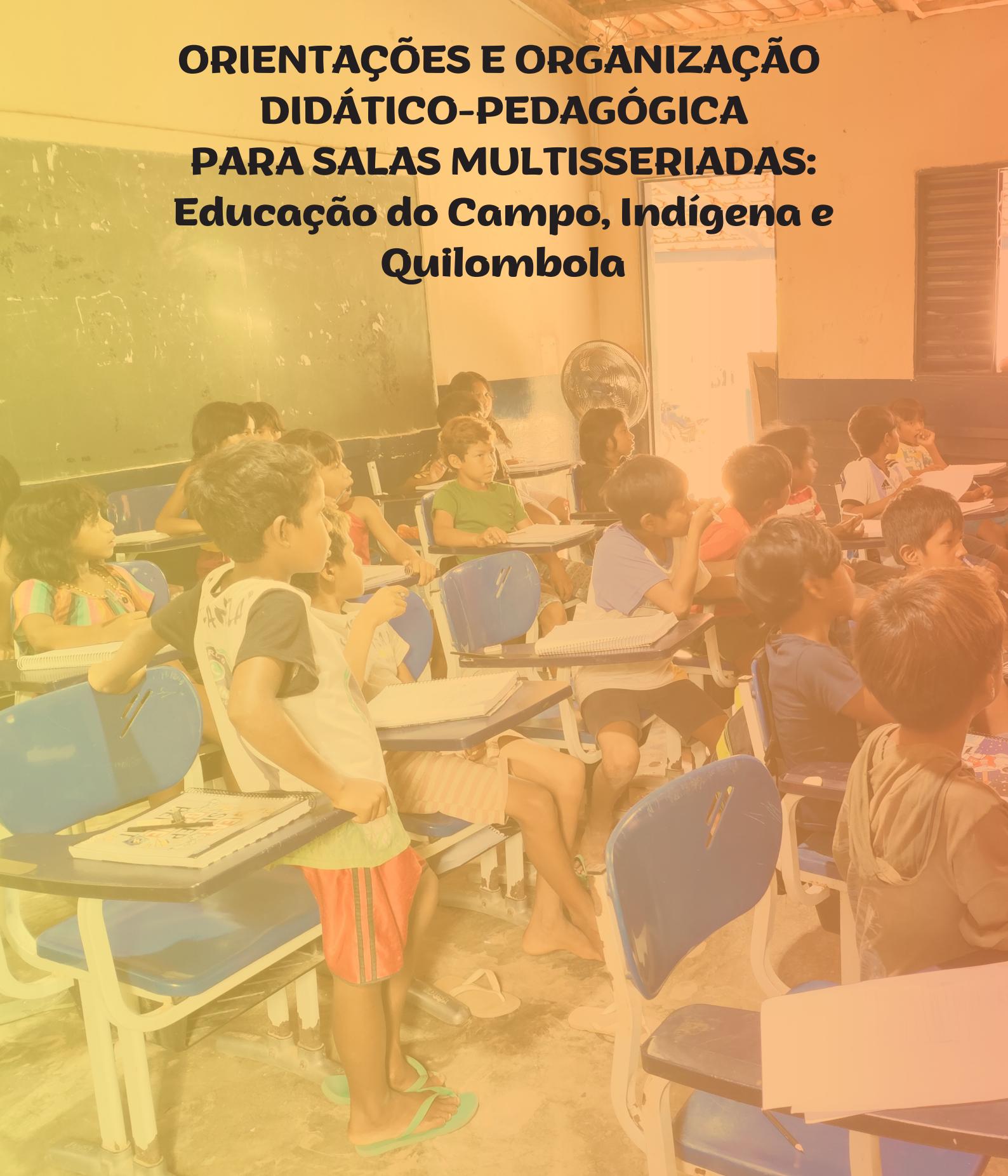


ORIENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA SALAS MULTISERIADAS: Educação do Campo, Indígena e Quilombola



**Jardilene Gualberto Pereira Folha
Layanna Giordana Bernardo Lima
Laurenita Gualberto Pereira Alves
Elaine Aires Nunes**

**Jardilene Gualberto Pereira Folha
Layanna Giordana Bernardo Lima
Laurenita Gualberto Pereira Alves
Elaine Aires Nunes**

ORIENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA SALAS MULTISERIADAS: Educação do Campo, Indígena e Quilombola

Programa EducaTO/RCT
Coleção Caderno Pedagógico
nº 1, Vol. 1



Núcleo de Estudo e Pesquisa em
Educação, Desigualdade Social e
Políticas Públicas - UFT



Palmas - TO
2024



Universidade Federal do Tocantins

Reitor

Luís Eduardo Bovolato

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos

Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de

Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

(PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação

(PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Coordenador da RCT

Leonardo Victor dos Santos

Coordenadora EducaTO

Elâine Aires Nunes

Coordenadora Projeto AlfabeTO

Juciley Silva Evangelista Freire

Material Instrucional/Elaboração de Conteúdo

Jardilene Gualberto Pereira Folha

Layanna Giordana Bernardo Lima

Laurenita Gualberto Pereira Alves

Elâine Aires Nunes

Departamento de Produção**Revisão Técnica e Tipográfica**

Juciley Silva Evangelista Freire Ana

Carmen de Souza Santana Katya

Lacerda Fernandes

Revisão Linguística

Maria Irenilce Rodrigues Barros

Projeto Gráfico / Diagramação

Juniezer Barros de Souza

Arte da capa

Juciley Silva Evangelista Freire

Foto da capa/Créditos

Elaine Aires Nunes

Contribuições Cursistas da Turma ECIQ

Allyne Duarte Araújo

Creunice de Moura chaves

Deuzuita Bernaldo Silva

Edna Pereira da Silva

Eliane Fátima Soares de Jesus

Eulaina de Sousa Cavalcante

Eunice Castro Nunes

Irismar Alves Rego

Jacirene Xerente

Leonina Pereira Saraiva

Lígia Alves de Siqueira

Maria Beatriz do Socorro Oliveira Teixeira

Mayka Gomes Ribeiro

Neuzerley Liliana de Farias

Noelia Mantezuma de Oliveira

Robervânia Rocha Silva

Simonia de Souza Reis

Programa de Extensão EducaTO / Rede ColaborAção Tocantins – RCT
Coleção Caderno Pedagógico – nº 1, Vol. 1, 2024.
Palmas, Tocantins, Brasil.

Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação, Desigualdade Social e
Políticas Públicas – **NEPED/UFT**

Grupo de Estudos e Pesquisas em Saberes e Fazeres em Contextos
Sócio Culturais e Educacionais – **GEPEFAZE/UFT**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orientações e organização didático-pedagógica para
salas multisseriadas [livro eletrônico] :
educação do campo, indígena e quilombola /
Jardilene Gualberto Pereira Folha...[et al.].
Palmas, TO : Ed. dos Autores, 2025.
(Coleção caderno pedagógico ; 1)
PDF

Outros autores: Layanna Giordana Bernardo Lima,
Laurenita Gualberto Pereira Alves, Elaine Aires
Nunes.

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-50984-6

1. Educação 2. Educação do campo 3. Educação
indígena 4. Prática pedagógica 5. Quilombolas -
Brasil I. Folha, Jardilene Gualberto Pereira.
II. Lima, Layanna Giordana Bernardo. III. Alves,
Laurenita Gualberto Pereira. IV. Nunes, Elaine Aires.
V. Série.

25-277039

CDD-371.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Prática pedagógica : Educação 371.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

1 - Apresentação	09
1.1 Direito à educação e aprendizagem	09
Objetivos específicos	10
1.2 Educação do Campo, Indígena e Quilombola	12
1.3 Educação do Campo	12
1.4 Educação Escolar Indígena.....	13
1.5 Educação Escolar Quilombola.....	15
2 - Salas Multisseriadas	17
3 - Currículo e Educação do Campo, Indígena e Quilombola: Conceitos e concepções.....	19
3.1. Trabalho Pedagógico nas salas de aulas multisseriadas: Totalidade do conhecimento	21
4 - Metodologia de Educação Diferenciada	22
4.1. Vivência Comunidade e Vivência Escola	23
4.2. Planejamento: conceitos e tipos de planejamentos.....	23
4.2.1. Dimensões do Planejamento	25
5. Estrutura do Projeto Temático	30
6. Eixos do Projeto Temático	31
7. Sequência Didática - Turmas Multisseriadas	36
7.1. Aula 1 - Gênero Textual: Poesia	36
7.2. Aula 2 - Gênero Textual: Poesia	37
7.3. Aula 3 - Contagem oral e registros de quantidades	38
7.4. Aula 4 - Território: Meu quilombo é meu mundo!.....	39
7.5. Aula 5 - Identidade quilombola	41
7.6. Aula 6 - Ilustração da Poesia	43
7.7. Aula 7 - Brincadeira cantada: Escravos de Jó	44
7.8. Aula 8 - Respeito às diferenças étnicas-raciais.....	46
8. Avaliação	48
8.1. Avaliação na Educação Infantil	48
8.2. Avaliação Diagnóstica na Pré-Escola	49

8.2.1. Desenvolvimento do Grafismo	50
8.2.2. Etapas de desenvolvimento do grafismo infantil	50
8.2.3. Periodização da escrita infantil	51
8.2.4. Quadro de Evolução do Grafismo e Periodização da Escrita Infantil	51
8.3. Avaliação nos Anos iniciais do Ensino Fundamental	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	55
Módulo I - Avaliação da Aprendizagem em sala Multisseriada na Educação do Campo, Indígena e Quilombola.	56
Módulo II - Currículo e Planejamento na perspectiva do desenvolvimento humano no contexto escolar do campo, indígena e quilombola	57
Módulo III - Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita e numeramento	58
Módulo IV e V - O trabalho com a diversidade de gêneros discursivos: práticas de letramentos	60

ORIENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA SALAS MULTISERIADAS

1 - Apresentação

A formação da sociedade brasileira foi constituída em solo indígena, território invadido pelos europeus, que consequentemente destruíram várias etnias nas estratégias de políticas indigenistas, a exemplo da doutrinação forçada e de integração e assimilação das populações indígenas à sociedade que se iniciava. Outra ação marcante foi o processo de escravidão de indígenas, posteriormente de negros trazidos da África como escravos e vendidos no continente, usados como força de trabalho para as lavouras e demais atividades, seja no campo ou nas vilas e cidades que foram sendo constituídas na formação do atual território brasileiro.

No que diz respeito a dinâmica de formação dos territórios amazônicos e da região norte, em sua totalidade, trata-se de espaços marcados por décadas de abandono e de descaso pelos governos brasileiros, com políticas de desenvolvimento voltadas para a exploração da natureza e acúmulo de riquezas. Tal cenário, contribuiu para ampliar o contexto de pobreza, ausências de políticas efetivas de educação, saúde e assistência. Todavia, os problemas sociais brasileiros são oriundos de um desenvolvimento territorial desigual, que foi — ao longo dos tempos — formando uma sociedade conservadora e preconceituosa, que marginaliza populações negras, pobres e indígenas.

1.1 Direito à educação e aprendizagem

As desigualdades sociais e educacionais são reproduzidas nas escolas públicas, pois, em sua maioria, as crianças e jovens que estão nesses espaços são oriundos de famílias que são por gerações incluídas nesse processo de exclusão. O direito à educação e o desenvolvimento da aprendizagem consistem em direitos das crianças e dos jovens, garantidos nas legislações educacionais e no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Cabe pensar, qual é a escola que essas populações têm acesso? Como deveria ser o processo ensino-aprendizagem? Como essas temáticas das diversidades culturais e étnicas estão incluídas no currículo, no planejamento, na organização pedagógica da escola e nas escolas nos territórios do Campo, Indígena e Quilombola?

O Projeto do EducaTO, da Rede ColaborAção Tocantins, objetiva promover a otimização

e sistematização dos processos de gestão e de práticas pedagógicas alfabetizadoras na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Para o desenvolvimento dessas ações, foi organizado o Projeto Alfabeto, que corresponde a um dos eixos de formação do EducaTO.

O Projeto Alfabeto têm ações voltadas para a aquisição, recuperação e o fortalecimento da leitura e escrita em Língua Portuguesa, bem como para os conhecimentos de Matemática, no processo de ensino-aprendizagem nas modalidades: Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Indígena e Quilombola, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais de Salas Multisseriadas.

No contexto da Educação do Campo, Indígena e Quilombola a formação visa atender as salas multisseriadas. O objetivo geral é oferecer formação continuada, acompanhamento, monitoramento e avaliação para a recuperação e o fortalecimento da aprendizagem da Leitura, da Escrita e da Matemática, aos profissionais que atuam na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das turmas multisseriadas da Educação do Campo, Indígena e Quilombola, e na construção de metodologia diferenciada de ensino, tendo como base a prática social e cultural.

Ressalta-se a preocupação com a garantia de direitos à educação e aprendizagem, formação continuada específica, direcionada aos professores do Campo, indígenas, e quilombolas (no formato direto), considerando as legislações específicas de cada modalidades, a garantia da educação dentro território, currículo diferenciado bilíngue em respeito à diversidade cultural das etnias que participam do programa, conforme princípios educativos que contribuam para leituras mais críticas da sociedade.

Os objetivos específicos da formação foram elaborados no desenvolvimento da aprendizagem de leitura, escrita e raciocínio-lógico matemático, articulado às demais áreas de conhecimentos e de saberes culturais dos sujeitos sociais envolvidos na constituição dos territórios da Educação do Campo, Indígena e Quilombola;

Objetivos específicos

- Oferecer suporte ao trabalho didático-pedagógico e prático-reflexivo dos professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das salas multisseriadas, a fim de contribuir com a recuperação e o fortalecimento do processo ensino-aprendizagem da Leitura, da Escrita e da Matemática;
- Refletir sobre as habilidades de Leitura e Escrita, nas diversas situações pessoais,



sociais, culturais e escolares necessárias para ler e/ou escrever em diferentes gêneros e tipologias textuais, conforme a diversidade de suportes, objetivos, funções e em interação social com diferentes interlocutores;

- Entender o letramento matemático em seu diálogo com outras áreas do conhecimento e com as práticas sociais e culturais das diferentes populações do Campo, Indígena e Quilombola do território tocantinense;
- Desenvolver conhecimentos e metodologias diferenciadas e próprias para as Salas Multisseriadas do Campo, Indígena e Quilombola que possibilitem a aprendizagem da Matemática, tornando-a ferramenta associada aos modos culturais de compreender o mundo, organizar, narrar e avaliar as relações que estabelecemos com as pessoas, as coisas e os acontecimentos do cotidiano;
- Estimular, por meio de espaço de vivência prática, a troca de experiências metodológicas e a reflexão sobre novas práticas pedagógicas para apropriação da linguagem oral e escrita, alfabetização, letramentos, e raciocínio lógico-matemático, em articulação com os campos de experiências da educação infantil e as demais áreas de conhecimentos nos anos iniciais EF;
- Propor situações que incentivem o reconhecimento da diversidade cultural, o respeito aos saberes dos territórios do Campo, Indígena e Quilombola e a produção de conhecimento, como processo contínuo de desenvolvimento profissional docente;
- Propor espaços de formação no âmbito da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental para escolas do Campo, Indígenas e Quilombolas, valorizando as memórias, interações sociais, brincadeiras e narrativas pertencentes aos territórios.

A Formação Pedagógica é organizada por módulos com atividades, Formação e Orientação *Online* pelas plataformas digitais: Meet, YouTube e WhatsApp, e atividades de Formação *Presenciais* com os Orientadores de Estudo.

A programação da Formação seguiu a seguinte lógica:

Módulo I - AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO TRABALHO PEDAGÓGICO E DA APRENDIZAGEM DAS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL / Salas Multisseriadas da Educação do Campo, Indígena e Quilombola

Módulo II - PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO TRABALHO PEDAGÓGICO NAS SALAS MULTISERIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS

INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Módulo III - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES DE LEITURA, ESCRITA E NUMERAMENTO

Módulo IV - PRODUÇÃO ESCRITA: O TRABALHO COM A DIVERSIDADE DE GÊNEROS DISCURSIVOS – DO LETRAMENTO AO NUMERAMENTO

Módulo V - PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NA ESCOLA (Transversal - Trabalho Final)

O presente caderno de Orientação foi pensado para ser um apoio didático de uma Metodologia de Educação Diferenciada para a organização pedagógica das Salas de aulas multisserieadas das Escolas Públicas nos territórios do Campo, Indígena e Quilombola, no sentido de apresentar uma metodologia de educação contextualizada e articulada aos fundamentos teóricos e legais.

1.2 Educação do Campo, Indígena e Quilombola

Conforme exposto neste material, o processo de apropriação e exploração da natureza e de força de trabalho, compuseram as bases da sociedade que temos hoje. O território brasileiro por se configurar como uma reocupação de territórios dos povos originários e por ter se pautado pelo trabalho escravo, principalmente da população negra, trazida como escrava. Quando o regime de escravidão findou, essa população também não teve direito a terras, o que resultou na marginalização nas cidades dos descendentes de negros e indígenas. Assim, ressalta-se que o Brasil se constitui, desde o início, como um território desigual, situação que reforça a necessidade do movimento de luta pelos direitos sociais da população brasileira, com a consequente distribuição de terras.

1.3 Educação do Campo

Conhecer as discussões e as legislações educacionais da Educação do Campo é importante para a compreensão do histórico das lutas e conquistas do movimento social em prol de uma educação para os sujeitos sociais que vivem no campo e que têm o direito à educação e aprendizagem.

Reforça-se, aqui, a luta por uma educação em que seja ofertada no/do campo organizada por um currículo diferenciado, que em sua totalidade se articulem os conhecimentos científicos sistematizados ao longo da história da humanidade e os conhecimentos/saberes das pessoas que vivem nesses espaços.



Nessa linha de pensamento, destacam-se as seguintes legislações da Educação do Campo:

- A Resolução CNE/CEB n.º 1, de 3 de abril de 2002 - Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo;
- Parecer CNE/CEB n.º 1, de 1º de fevereiro de 2006 - Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA);
- Parecer CNE/CEB n.º 23, de 12 de setembro de 2007 - Consulta referente às orientações para o atendimento da Educação do Campo;
- Resolução CNE/CEB n.º 2, de 28 de abril de 2008 - Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo;
- Parecer CNE/CP n.º 22, de 8 de dezembro de 2020 - Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior.

1.4 Educação Escolar Indígena

Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes de os meus pais nascerem, e muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com as suas fumaças de epidemia e suas espingardas. Ficamos tristes, e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado, às vezes até tememos que os brancos queiram acabar conosco. Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento, podemos viver felizes (Kopenawa; Abert, 2015, p. 78-79).

Os povos originários do Brasil tiveram uma história conflituosa no contato com os invasores europeus, em defesa da existência, sobrevivência cultural e território. Apesar das muitas estratégias para dominação e extermínio dos povos indígenas, os mesmos, resistiram e conquistaram o direito de existirem e de reconhecimento cultural e de viverem nos territórios.

É preciso lembrar que os direitos conquistados na constituição de 1988 resultaram dos movimentos sociais e de muitas discussões nos anos de 1970 e 1980. Esses direitos sociais possibilitaram a população indígena do país identidade cultural e o respeito ao seu modo de vida. Nesse sentido, é estabelecido no Art. 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (BRASIL, 1988).

O direito à educação assegurados aos povos indígenas, necessita estar associado ao reconhecimento do território, a organização social e a liberdade de crenças e costumes. No contexto da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9.394/96, em seus Arts 32, 78 e 79 garante a educação escolar indígena diferenciada, específica, intercultural e bilíngue. Além da LDB de 1996, situam-se entre as principais legislações que tratam da educação para os povos indígenas:

- Decreto Presidencial n.º 26/1991 - Dispõe sobre a Educação Indígena no Brasil
- Portaria Interministerial MJ/MEC n.º 559/1991 - Dispõe sobre a Educação Escolar para as Populações Indígenas
- Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) / 1998 - Apresenta considerações gerais sobre a educação escolar indígena diferenciada
- Resolução CEB/CNE n.º 03/1999 - Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena
- Decreto Presidencial n.º 17/2002 - Pública os Referenciais Curriculares para a Formação de Professores Indígenas
- Decreto Legislativo n.º 143/2002 - Aprova o texto da Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre os povos indígenas e tribais em países independentes
- Lei n.º 11.645/2008 - Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena
- Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) - Estabelece diretrizes e metas para o desenvolvimento nacional, estadual e municipal da educação.

No estado Tocantins a população indígena, segundo o Censo de 2022, é de 20.023 no total, sendo que destes 18.735 de cor ou raça indígena e 1.288 se consideram indígenas (IBGE, 2022). Os povos originários do estado do Tocantins representada pelos dados oficiais são: Javaé, Karajá, Xambioá Karajá, Ava-Canoeiro, Krâho Canela, Krahô, Apinajé, Akwê-Xerente.



1.5 Educação Escolar Quilombola

A Educação Escolar quilombola foi organizada com a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, em 05 de junho de 2012, pelo Parecer CNE/CEB n.º 16/2012.

De acordo com Arroyo (2011), as ausências dos sujeitos sociais e suas histórias nos currículos das escolas são evidentes. As escolas públicas do Brasil estão repletas de estudantes pobres, negros e indígenas, os quais são excluídos de acesso à educação e aprendizagem de qualidade, informações e tecnologias.

A comunidade quilombola é assegurada constitucionalmente o direito à identidade cultural, a religião, território e costumes, manifestações culturais afro-brasileiras. Tais direitos, foram conquistados por intermédio de lutas em prol de igualdade racial e garantidos nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. A educação é direito assegurado a todos, dessa forma o trabalho com a diversidade cultural nos currículos faz-se necessário.

No estado do Tocantins, o Censo de 2022 revelou uma população de 12.881 pessoas que se autodeclararam quilombolas. Do número total, 1.328 (10,3%) viviam em territórios quilombolas delimitados e 11.553 (88,7%) fora deles (IBGE, 2022).

A educação escolar quilombola é fundamental para a preservação da cultura, identidade e direitos das comunidades quilombolas no Brasil. Sua importância é destacada em pontos como: a valorização da cultura, autonomia e empoderamento, resistência e luta por direitos, formação de cidadãos críticos, integração com o contexto local e promoção da sustentabilidade. Portanto, a educação escolar quilombola além de um meio de instrução, é também uma estratégia fulcral para a preservação da cultura, direitos e dignidade das comunidades quilombolas.

As principais legislações relacionadas a educação escolar quilombolas são:

- Lei n.º 10.639, de janeiro de 2003 - Altera a Lei n.º 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no Currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática: História e Cultura Afro-Brasileira
- Resolução CNE/CEB n.º 8, de 20 de novembro de 2012 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica
- Parecer CNE/CEB n.º 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020 - Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas

- Parecer CNE/CEB n.º 3/2021, aprovado em 13 de março de 2021 - Reexame do Parecer CNE/CEB n.º 8, de 10 de dezembro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas.



2 - Salas Multisseriadas

A democratização da educação suscita a questão sobre que tipo de escola deve ser criada para atender às necessidades de localidades remotas e isoladas, um desafio geográfico, que deve possibilitar o acesso à educação para todos. Nesse espaço e contexto surge a chamada multisseriação.

As turmas multisseriadas inserem-se como um tipo de espaço nos quais as diversas práticas escolares acontecem no Brasil. Para refletir sobre relações de ordem cultural, social, política e econômica no contexto do aprendizado, é necessário conhecê-las e compreendê-las em suas particularidades, no interior de um campo social dinâmico, formado por sujeitos históricos e sociais.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seus artigos 205 e 208, consolidaram o compromisso do Estado e da sociedade brasileira em contemplar a educação para todos, garantindo o direito e a promoção do ensino em todas as modalidades e respeitando todas as particularidades e especificidades culturais e regionais.

Historicamente, a educação em turmas multisseriadas esteve às margens da educação escolar. Foi silenciada por muitos anos. Percebida pela maioria como sinônimo de retrocesso e falta de qualidade, local que evocava a imagem de uma escolinha isolada. Era como se houvesse um consenso nos quesitos referentes a falta de investimentos e políticas em prol dessa forma de organização escolar. Contemporaneamente, ainda há conflitos na forma de funcionamento dessas escolas, ainda mais as que estão situadas nos espaços rurais, que acabam sendo um marcador que compromete a qualidade nestas instituições.

Essa organização de ensino era negligenciada. Havia um discurso de educação para todos, mas que não passava de uma educação restrita e excludente. Como afirma Arroyo (2007), não havia uma tradição que pensasse em políticas focadas, nem afirmativas, para coletivos específicos, frente ao predomínio de pensamentos e práticas universalistas e generalistas, válidas para todos sem distinção.

A didática utilizada nas turmas multisseriadas exige do professor mais envolvimento com a interdisciplinaridade, tendo que se esforçar para conciliar as disciplinas e, mais, de vários anos, diferenciando as atividades consoante o nível de cada um. Lembrando que em um mesmo ano escolar pode haver, ainda, estudantes em níveis diferentes, então o

professor tem sempre que estar atento ao desenvolvimento da turma. Reforça-se, portanto, a preocupação constante de avançar no aprendizado sem deixar ninguém para trás. Nesse ponto, a quantidade reduzida de estudantes, na maioria das salas, contribui para o trabalho do professor.

Uma das razões pedagógicas para a existência das turmas multisseriadas nasce de uma necessidade. Percebe-se como positivo o trabalho em grupo, trabalho interdisciplinar, maior integração e socialização entre os estudantes, auxílio mútuo e respeito às diferenças.

Nesse contexto, existem discursos contrários às escolas multisseriadas que defendem seu fechamento nas áreas rurais, nos territórios indígenas, quilombolas e outros. A justificativa se baseia na precarização que essas escolas enfrentam e na qualidade das instituições em regiões centralizadas, frequentemente consideradas referência. Por outra perspectiva, existem posicionamentos que analisam a multisseriação como uma possibilidade. Acreditam que, se houvesse investimentos na capacitação do professor, assim como na infraestrutura das escolas, a multisseriação poderia ser uma alternativa, considerando os processos de interação que ela possibilita.

O entendimento e a escolha do melhor para a educação enquanto direito de todos os cidadãos, deve considerar as diferenças, como afirma Arroyo (2007, p. 161), que “as ênfases dadas à educação como direito universal de todo cidadão significa uma grande conquista, desde que avancemos no reconhecimento das especificidades e das diferenças”.

Porém, políticas públicas são imprescindíveis para assegurar a alocação de recursos financeiros, bem como diretrizes pedagógicas específicas que atendam todas as modalidades de ensino, visando proporcionar aos povos dos territórios uma escola de qualidade, que atenda suas verdadeiras necessidades, garantindo seus direitos à formação integral.



3 - Curriculo e Educação do Campo, Indígena e Quilombola: Conceitos e concepções

Para abordar as práticas curriculares, é necessário um olhar voltado para a educação que repense o contexto histórico, social, político, econômico, cultural e ambiental do Tocantins, considerando as especificidades e peculiaridades locais e regionais de cada escola. Dessa forma, propõem-se orientações curriculares que atendam às turmas multisserieadas da Educação do Campo, Indígena e Quilombola, agregando princípios como: identidade, respeito às diversidades culturais e às experiências científicas e empíricas.

É importante destacar que a educação de qualidade deve ser um direito fundamental acessível a todas as classes sociais, sem distinção. Para isso, é essencial que o sistema educacional contemple as necessidades e interesses das classes trabalhadoras, proporcionando um ensino inclusivo e equitativo.

Uma educação verdadeiramente inclusiva deve oferecer aos estudantes as ferramentas teórico-práticas necessárias para compreenderem sua realidade social e, assim, prepará-los para serem agentes ativos na luta pela transformação social. Ao desenvolver um pensamento crítico e uma consciência social, a educação capacita os indivíduos a enfrentarem desafios, promoverem mudanças e contribuírem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A defesa do currículo na perspectiva histórico-crítica é entendida como um instrumento de emancipação humana e transformação social. Para além de um conjunto de conhecimentos e conteúdos a serem ensinados, essa perspectiva foca na forma como o currículo pode contribuir para o enfrentamento das desigualdades sociais, culturais e políticas por intermédio da apreensão dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Para Saviani (2011), o currículo da escola se estrutura a partir do saber sistematizado, uma cultura letrada: "Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade" (Saviani 2011, p. 14).

Nessa linha de pensamento, Malanchen (2014, p. 5) em seus estudos sintetiza que: o

currículo é compreendido como a expressão das concepções de ser humano, da natureza, da sociedade, de conhecimento, da educação, do ensino e da aprendizagem, das pretensões sobre a escola e seu papel social, das práticas pedagógicas e das relações nela vividas. E, como resultado disso, a seleção intencional de conhecimentos pelos quais devem ser socializados para toda a população, uma vez que são requisitos fundamentais para o processo de humanização de cada indivíduo.

No que diz respeito ao currículo da Educação Infantil, as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEIs) o define como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Volta-se, assim, para a promoção do desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, constante na Resolução n.º 7, de 14 de dezembro de 2010, enfatizou as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e construção das identidades dos estudantes.

Especificamente, o currículo da Educação do Campo, voltado para Comunidades Indígenas e Quilombolas, reconhece e valoriza suas potencialidades, diferenças e particularidades. No entanto, é essencial que essas características sejam direcionadas para garantir o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, o currículo contribui para a formação de cidadãos preparados para atuar de maneira consciente e ativa tanto no mundo do trabalho quanto na sociedade em geral.

O currículo da Educação do Campo, Indígenas e Quilombolas reafirma suas potencialidades e singularidades, no sentido de garantir o desenvolvimento e o aprendizado dos estudantes. Diz respeito, ao reconhecimento e a valorização de suas identidades, histórias e tradições, permitindo que os sujeitos se apropriem dos saberes e conhecimentos que lhes pertencem e participem ativamente da construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Na busca por uma prática educativa que seja verdadeiramente crítica e emancipatória, é fundamental assegurar que os povos historicamente marginalizados tenham pleno acesso ao patrimônio cultural, como defende Saviani (2011).



3.1. Trabalho Pedagógico nas salas de aulas multisseriadas: Totalidade do conhecimento

Pensar em um currículo à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, faz-se necessário o exercício prático e dialético de uma organização pedagógica que evidencie as áreas de conhecimentos e conteúdos articulados com a realidade social na perspectiva do desenvolvimento da aprendizagem e da totalidade do conhecimento. Segundo Malanchen (2016, p. 42-43):

[...] dos desafios a serem enfrentados pela pedagogia histórico-crítica na atualidade é o de propor currículos escolares que expressem de forma mais consciente e sistematizada possível, aquilo que estava contido de forma limitada e contraditória no currículo da escola elementar tradicional, ou seja, a concepção do ser humano como ser que se auto-constrói no processo histórico de transformação da realidade objetiva. Considerando-se a escolar desde da educação infantil até o ensino superior, os currículos escolares poderiam ser pensados como um processo de progressiva explicitação e complexificação dessa concepção de mundo.

O trabalho pedagógico direcionado para os estudantes que residem e resistem em territórios do Campo, Indígena e Quilombola deve ser pensado em um processo político e pedagógico para a compreensão da realidade social e da totalidade do conhecimento, sendo o eixo articulador o trabalho, que de acordo com Malanchen (2016, p. 43) é “o que representa a humanização da realidade por meio da atividade humana”.

Desse modo, na elaboração de propostas educativas diferenciadas para estes, é fundamental dar ênfase à elaboração de ações e atividades que abranjam uma totalidade intencional. Essas estratégias apontam caminhos para a construção de uma educação entendida como um processo de humanização.

Enfim, o trabalho Pedagógico nas salas de aulas multisseriadas corresponde um “projeto em construção, incompleto, inacabado que considera a totalidade dos processos de ensino e aprendizagem e as multideterminações sociais, mas que já tem uma longa trajetória coletiva de elaboração teórica e prática” (Orso, 2020).

4 - Metodologia de Educação Diferenciada

A proposta metodológica apresentada fundamenta-se nas interlocuções das vivências da escola e das vivências da comunidade no processo do desenvolvimento da aprendizagem das crianças das salas multisserieadas dos territórios do campo, indígena e quilombola na educação infantil e nos anos iniciais.

Para os estudiosos Vigotski; Luria; Leontiev (2019. p. 115) a aprendizagem e o desenvolvimento são resultantes das relações históricas e sociais:

[...] aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental ativa todo um grupo de processos desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente.

Os territórios do Campo, Indígena e Quilombola abrigam uma riqueza cultural e de saberes ancestrais que devem ser valorizados e integrados aos processos de ensino-aprendizagem. É essencial estabelecer um diálogo entre a escola e a comunidade para promover uma educação de qualidade e para a emancipação e transformação social.

A organização pedagógica da educação do Campo, Indígenas e Quilombola deve garantir o direito à educação e aprendizagem priorizando em suas atividades de ensino: práticas inovadoras que valorizem os conhecimentos e as vivências dos territórios do Campo, Indígena e Quilombola, integrando-os ao currículo escolar; formação docente para trabalhar de forma contextualizada, reconhecendo e respeitando a diversidade cultural; materiais didáticos utilizados em sala de aula que expressem a realidade e a história da comunidade, fortalecendo a identidade dos territórios do Campo, Indígena e Quilombola.

As vivências da comunidade estão relacionados aos saberes e práticas tradicionais, a exemplo:

- Agricultura tradicional;
- Medicina tradicional;
- Artesanato e cultura material;
- Tradições orais.



4.1. Vivência Comunidade e Vivência Escola

A Vivência Comunidade complementa a Vivência Escola, pois enfatiza a importância de respeitar e integrar os ritmos próprios das comunidades rurais e tradicionais nos processos educativos. Diferente do tempo linear e rígido geralmente encontrado nos modelos de ensino convencionais, o tempo-comunidade é fluido e está diretamente conectado aos ciclos da natureza, às práticas culturais e às necessidades específicas de cada local. Esse entendimento permite que o aprendizado ocorra de maneira mais significativa, contextualizada e alinhada com a realidade dos estudantes, valorizando suas experiências de vida e fortalecendo sua identidade cultural.

Na Educação do Campo, Indígena e Quilombola, tais vivências promovem um espaço de aprendizagem que vai além das salas de aula, englobando o cotidiano da comunidade, suas celebrações, histórias e práticas tradicionais. Ele reconhece que a educação é um processo contínuo, na qual a sabedoria dos mais velhos, as vivências das crianças e as contribuições de todos os membros da comunidade são essenciais para aprendizagem e desenvolvimento, considerando-os como uma prática social inicial no processo didático-pedagógico. Dessa forma, a vivência comunidade não só fortalece os laços comunitários, como também promove uma educação inclusiva, democrática e verdadeiramente comprometida com a realidade das comunidades.

4.2. Planejamento: conceitos e tipos de planejamentos

O planejamento escolar pedagógico é um processo contínuo e organizado que objetiva definir objetivos, conteúdos, metodologias, materiais e avaliação para orientar o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Planejar é o ato de conceber atividades educativas com intencionalidade pedagógica, visando promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Defendemos um planejamento que problematize a prática social e as especificidades dos estudantes, essencial para assegurar uma aprendizagem significativa e inclusiva. Ao considerar os saberes, seus modos de aprendizagem, contextos socioculturais e interesses, o planejamento se torna um instrumento eficaz para promover uma síntese na compreensão da realidade social por parte dos estudantes no processo de ensino.

Ao planejar atividades educativas para estudantes das escolas do Campo, Indígenas e Quilombola é fundamental incorporar situações concretas do cotidiano que refletem suas realidades e experiências de vida. Utilizar elementos dos saberes e da cultura local enriquece

o processo de ensino e aprendizagem, valorizando a identidade e a ancestralidade dessas comunidades. Trazer para a sala de aula conhecimentos como histórias, cantos, danças, brincadeiras, artesanato e práticas tradicionais, como cultivo e alimentação, fortalece o vínculo das crianças com suas raízes e garante uma educação emancipatória e transformadora. Neste sentido, o planejamento pedagógico exige uma escolha criteriosa de atividades, espaços, materiais, tempo e interações, de modo a criar um ambiente de aprendizagem estimulante e inclusivo. A seleção cuidadosa das atividades deve considerar os objetivos pedagógicos e o perfil dos estudantes, promovendo desafios adequados que estimulem a curiosidade, o pensamento crítico e a criatividade. A organização dos espaços e a escolha dos materiais, por sua vez, devem favorecer a interação, a colaboração e a exploração, permitindo que os estudantes aprendam de forma ativa e participativa.

Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, a partir dos estudos de Saviani (2013), o planejamento escolar está estruturado em cinco etapas: prática social inicial do conteúdo, problematização, instrumentalização, catarse, prática social final. Neste seguimento, o planejamento tem como ponto de partida a prática social inicial, considerando-a o contexto em que o aprendizado se desenvolve e ganha significado. A partir dessa base, é essencial utilizar a problematização para identificar e compreender as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social, estimulando os estudantes a refletirem sobre os desafios que enfrentam em seu cotidiano. Em seguida, o planejamento deve incorporar a instrumentalização, isto é, a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários para a resolução desses problemas, proporcionando aos estudantes as ferramentas e conhecimentos adequados. Esse processo, culmina na catarse, o momento máximo do percurso pedagógico, quando ocorre a efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social. Por fim, o ponto de chegada é a prática social final, agora enriquecida, na qual os estudantes atingem um nível sintético de compreensão e atuação, preparados para intervir de maneira crítica e consciente na realidade em que vivem.





Para Saviani (2013) é extremamente importante ter a clareza que a escola cumpre uma função social e que, portanto, deve ter foco nas atividades que são essenciais a essa função. Neste sentido, é fundamental que a organização curricular e o planejamento das práticas pedagógicas sejam realizados intencionalmente, para garantir que o sentido da escola seja mantido.

Elementos do Planejamento Pedagógico

Objetivos – São as metas traçadas e o que se pretende alcançar como processo educativo. A formulação desses objetivos está diretamente relacionada à seleção dos conhecimentos, saberes e conteúdos a serem abordados.

Conhecimento, saber e conteúdo – Refere-se ao saber sistematizado, que inclui hábitos, atitudes, valores e convicções.

Metodologia – Trata-se do conjunto de métodos e estratégias que serão aplicados para alcançar os objetivos propostos, abordando a situação didático-pedagógica de forma eficaz.

Recursos – Inclui a utilização de materiais físicos e humanos no processo de ensino-aprendizagem, essenciais para a realização das atividades educativas.

Avaliação – É o momento de reflexão sobre todo o processo educativo, ocorrendo cotidianamente em sala de aula. A avaliação exerce uma função diagnóstica, identificando dificuldades e avanços na aprendizagem dos estudantes.

4.2.1. Dimensões do Planejamento

O planejamento pedagógico é um processo dinâmico que pode ser organizado em diferentes níveis, como: diário, bimestral e anual, cada um desempenhando um papel importante na organização do trabalho educativo. Esse planejamento, inicia-se a partir de uma unidade maior, o plano anual, que fornece uma visão ampla dos objetivos de aprendizagem e habilidades a serem desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Desdobra-se em planos mais específicos, como o planejamento bimestral, que detalha os conteúdos e atividades a serem trabalhados em períodos menores, permitindo ajustes e adequações, segundo a necessidade de aprendizagem dos estudantes.

Cada nível de planejamento, ao se complementar, garante a coerência e a continuidade do processo educativo, possibilitando um ensino mais adaptável, organizado e eficiente, que responda de maneira eficaz às necessidades dos estudantes.

4.2.2. Planejamento Anual

O plano anual é um documento abrangente que fornece uma visão geral do processo educativo ao longo de todo o ano letivo. Ele é organizado de maneira global, ao considerar as aprendizagens consolidadas pelos estudantes e o que ainda é preciso aprender para progredir nesse desenvolvimento. Serve como um guia para os professores, orientando-os sobre os objetivos a serem alcançados ao longo do ano.

4.2.2.1 Estrutura de Planejamento Anual

Planejamento Anual						
Composição da Turma						
Bimestre	Eixos Temáticos	Objetos de conhecimento / Conteúdo / Vivência Escola	Objetos de conhecimento / Conteúdo / Vivência Comunidade	Período	Avaliação Diagnóstica	Objetivo
I						
II						
III						
IV						



4.2.3. Planejamento Bimestral

O plano bimestral é um desdobramento do plano anual, detalhando o que será trabalhado em cada bimestre. Ele organiza de forma mais específica os conteúdos, conhecimentos e saberes a serem desenvolvidos, considerando o ritmo e o progresso dos estudantes.

Esse planejamento permite ao professor adaptar o ensino conforme as necessidades do grupo, promovendo uma abordagem mais flexível e ajustada às situações reais de aprendizagem.

O plano bimestral facilita a avaliação contínua do processo educativo, possibilitando ajustes e revisões conforme necessário para alcançar os objetivos estabelecidos.

4.2.3.1. Estrutura de Planejamento Bimestral - Etapa Educação Infantil (Pré-Escola I e II)

Bimestre:	Resultado do Grafismo - Etapas					Resultado do Diagnóstico - Periodização da escrita infantil				
	Etapa simbólica	Etapa simbólico-formalista	Etapa formalista veraz	Formalista plástica	Pré-instrumental	Gráfica diferenciada	Pictográfica	Simbólica (etapa inicial)	Simbólica	
Níveis de aprendizagem										
Descrição da aprendizagem desenvolvida										
Nome das Crianças										

4.2.3.2. Plano de Intervenção e Flexibilidade Curricular

Plano de Intervenção e Flexibilidade Curricular						
Eixos Temáticos	Conhecimentos e Saberes / Vivência Escola	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento	Conhecimentos e Saberes / Vivência Comunidade	Conhecimentos e Saberes / Vivência Comunidade	Critérios de Avaliação	Período

4.2.3.3. Estrutura de Planejamento Bimestral - Etapa Ensino Fundamental

Bimestre:		Resultado do Diagnóstico - Níveis de aprendizagem				
Níveis de aprendizagem		Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Adequado
Descrição da aprendizagem desenvolvida						
Estudantes						
Plano de Intervenção e Flexibilidade Curricular						
Eixos Temáticos	Objetos de conhecimento / Conteúdo Vivência Escola	Habilidades	Objetos de conhecimento / Conteúdo Vivência Comunidade	Habilidades	Critérios de Avaliação	Período

4.2.4. Planejamento Semanal e Diário

O planejamento semanal, por sua vez, oferece uma visão de curto prazo, organizando as ações pedagógicas para uma semana de trabalho, auxiliando o professor a manter o foco nos objetivos imediatos e a avaliar o progresso contínuo dos estudantes.

O plano diário é um documento específico que orienta o trabalho do professor com os estudantes em um determinado dia. Ele detalha as atividades, métodos e estratégias que serão utilizados em sala de aula, considerando os objetivos de aprendizagem e as habilidades definidas previamente. Este instrumento é fundamental para o professor na organização de suas ideias e na elaboração de hipóteses de trabalho em relação ao que espera alcançar com o grupo de estudantes. O plano diário permite ao educador refletir sobre sua prática, ajustando as abordagens pedagógicas para garantir um ensino eficaz e significativo, que promova o engajamento e a aprendizagem dos estudantes de maneira ativa e participativa.



4.2.4.1. Estrutura de Planejamento Plano Diário e Semanal

Composição da turma	Ex: Pré-Escola I, II e 1º Ano				
Dia	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Eixo Temático					
Componentes / Campos de Experiências					
Objeto de conhecimento / Conhecimentos, Saberes e Conteúdo / Vivência Escola					
Habilidades / Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento					
Objeto de conhecimento / Conhecimentos, Saberes e Conteúdo / Vivência Comunidade					
Habilidades / Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento					
Recursos / Materiais					
Monitoramento e Acompanhamento					
Avaliação					
Instrumentos de Avaliação					

5. Estrutura do Projeto Temático

Tema	Escolher considerando o currículo, os desafios do contexto social e o desenvolvimento dos estudantes. Realizar a escuta dos atores envolvidos na escola, para entender as necessidades e interesses.
Objetivo Geral	Elaborar a ideia central do projeto, a sua finalidade e o que se planeja alcançar globalmente.
Objetivos Específicos	Apresentar os desdobramentos do objetivo geral, que detalham os processos necessários para a realização do projeto temático.
Justificativa	Articular os argumentos que demonstram a relevância do tema, justificando a escolha da temática a partir do currículo, de diagnósticos realizados e necessidades do contexto local.
Tabela organização	Eixos, conteúdos, conhecimentos, saberes em articulação com os campos de experiências e componentes curriculares e descrição das atividades/ações macros planejadas.
Metodologia	Descrever os caminhos metodológicos e as técnicas a serem utilizadas que organizam a formação e o acompanhamento dos resultados dos estudantes, considerando os conhecimentos e saberes da Vivência Escola e Vivência Comunidade.
Conclusão do Projeto (Resultados Finais: Mostra, Feira e Exposições).	Organizar momento em que os esforços de planejamento, pesquisa e criação se materializam em uma ação, marcada pela apresentação dos trabalhos desenvolvidos, que refletem as aprendizagens e as vivências culturais dos estudantes adquiridos ao longo do processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento.
Cronograma	Traduzir as ações a serem realizadas, distribuindo-as no tempo de duração do projeto.
Bibliografia	Referenciar o material utilizado para o projeto.



6. Eixos do Projeto Temático

Projeto Temático Sugestões de Eixos Temáticos	
Turmas Multisseriadas da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental Educação do Campo, Indígena e Quilombola	
Eixos Temáticos	Conhecimentos, Saberes e/ou Conteúdos
Articula os Campos de Experiências, Áreas do Conhecimento e Saberes do Campo, Indígenas e Quilombolas	
Cidadania e Democracia	Direitos humanos Exercício da cidadania Liberdade, consciência crítica e responsabilidade Participação, expressão e voz ativa Autonomia, convivência, respeito e dignidade Diversidade e inclusão Direitos e deveres Valores e princípios de cidadania Princípios éticos, políticos e estéticos Projeto de vida Solidariedade e cooperação Democracia na escola e na comunidade Regras de convivência e organização Cidadania e o meio ambiente Construção da identidade, e autonomia Fortalecimento das relações Conhecimento de mundo Povos do campo Comunidades quilombolas Povos indígenas Movimentos sociais Organização social Noções de políticas públicas Cidade e campo Comunidade Povos Serviços públicos

Arte e Cultura	Artes visuais Arte e natureza Elementos naturais na arte Arte com reciclagem, música e ritmo Canções e brincadeiras musicais Dança Teatro e expressão corporal Literatura Histórias e contação de histórias Brinquedos culturais e tradicionais Brincadeiras culturais e tradicionais Artesanato Cultura brasileira Cultura africana e afro-brasileira Cultura do campo Cultura indígena Culinária tradicional Visitas a museus Exposições virtuais Feira de arte e cultura Oficinas de arte Exposições na escola Manifestações artísticas Manifestações culturais Manifestações folclóricas Manifestações religiosas Festas populares e tradicionais locais
-----------------------	--



Natureza e Território	<p>Cuidado e preservação da natureza Preservação do território Uso do solo Comunidades e território Harmonia com a natureza Proteção dos direitos territoriais do Campo, Indígenas e Quilombolas Território, saúde e lazer Qualidade de vida das populações Construções e natureza Reciclagem e reutilização Preservação do meio ambiente Água Ciclo da água Espaços naturais: cerrado, florestas, rios, montanhas e praias Mapas - espaço e localização dos territórios - campo, comunidades e aldeias Ambiente: urbano e rural Relação com a natureza (o homem, a terra, a água e as matas) Os rios, riachos, córregos, lagos e lagoas Animais Plantas Tempo, clima e estações</p>
------------------------------	--

Identidade e Diversidade Cultural	Identidade pessoal Minha família e minha história Cultura local Identidade e papel na comunidade Trabalhos e profissões Grupos e comunidades Amizade e cooperação Resolução de conflitos Etnia Reconhecimento e valorização da diversidade Diferenças e semelhanças Respeito às diferenças Tradições e festas culturais Manifestações culturais Comidas típicas Culturas indígenas e afro-brasileiras Lendas e tradições Artesanato e pintura corporal Artes e expressões culturais Música e dança típica Roupas típicas Culinária Contação de histórias Lendas do folclore brasileiro Livros sobre inclusão e respeito
Saberes e Fazeres Culturais	Tradições culturais Tradições religiosas Tradições orais Ritmos tradicionais: suça, tambor e jiquitaia Festejos da comunidade Festejos da aldeia Medicina tradicional Dia do folclore Festas tradicionais, como: Festa Junina, Festa das Folias, Festa da Colheita, Festa das Cavalgadas, Festa Tamanduá do Povo Xerente, Ritual do Hetohoky dos Karajás, Cerimônia de passagem para vida adulta do povo Javaé e Festa do Capitão do Mastro. Período de veraneio Produção nos quintais Plantas e hortas Ervas medicinais Produção nas roças



Trabalho e Renda	<p>Agricultura familiar sustentável Agricultura familiar no Tocantins e no Brasil Panorama da agricultura e conceitos básicos da Agroecologia Segurança alimentar Alimentação saudável Quintal produtivo e agroflorestais Princípios e processos agroecológicos Experimentos em agroecologia Horta escolar Pecuária sustentável Extrativismo animal, vegetal e mineral sustentáveis A pesca responsável e consciente Produção da agricultura, pecuária e extrativismo articulado aos saberes locais. Tecnologias autossustentáveis Sistemas produtivos Sistemas de produção e processos de trabalho no campo Produção de farinha de mandioca Produção da base alimentar da comunidade ou aldeia (grãos, leite, verduras, legumes, frutas e carne) Sustentabilidade Ambiental Seres vivos, recursos naturais e territorialidade/campo Responsabilidade socioambiental Utilização dos solos Saúde e Qualidade de vida no campo, comunidade e aldeia. Riscos da saúde das populações como intoxicações Noções de empreendedorismo Noções à economia solidária Consumo consciente</p>
-------------------------	---

7. Sequência Didática - Turmas Multisseriadas

7.1. Aula 1 - Gênero Textual: Poesia

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: Língua Portuguesa

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
- (EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
- (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
- (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
- (EF01CI04) Comparar as características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças
- (EF01LP19) Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-línguas, com entonação adequada e observando as rimas.

Contextualização para as etapas:

1. Brincadeira de Roda “Tindolelê”.
2. Conversa para a introdução do assunto, contato com o gênero poesia e contextualização, fazendo questionamentos para os estudantes possam se expressar.

- O que é quilombola?
- Tem algum estudante quilombola na sala?
- Quem conhece um quilombo?



Pré-Escola I e II

3. Declamação da poesia “SOU QUEM EU SOU”, de Laurenita Gualberto, pela professora.
4. Escrever a poesia em um cartaz, utilizando letras de forma e fixar na parede a altura do olhar da criança.
5. Leitura realizada pela professora.
6. Com auxílio da professora identificar oralmente na poesia palavras que rimam.

1º e 2º Ano

2. Declamação da poesia “SOU QUEM EU SOU”, de Laurenita Gualberto, pela professora.
3. Escrever a poesia em um cartaz ou expor com uso de data show.
4. Leitura realizada pela professora, em duplas, meninos x meninas por estrofes, todos juntos e finalmente individual.
5. Pedir que os estudantes identifiquem oralmente palavras que rimam.
6. Fazer rimas com o nome dos estudantes. Todos devem participar ajudando.
7. Pedir aos estudantes que identifiquem no quadro quais as palavras do poema que rima, circulando-as e copiando no caderno.

7.2. Aula 2 - Gênero Textual: Poesia

Contextualização para as etapas:

1. Retomar a poesia com a leitura coletiva.

Pré-Escola I e II

2. Criação de outra poesia coletiva, onde cada criança contribui com palavras, formando uma poesia única, tendo o professor como escriba.
3. Desenho ilustrativo: após a criação da poesia, os estudantes desenharão uma cena que representa o que entenderam da poesia.

1º e 2º Ano

2. Elaborar 3 frases com palavras do texto no mesmo sentido.
3. Destacar na poesia as palavras guerreira, refugiada e identidade e discutir o sentido de cada uma.
4. Leia as frases abaixo e complete com as palavras guerreira, refugiada e identidade:
 - a) A vida de uma _____ é difícil de imaginar.
 - b) Uma mulher _____ é aquela que demonstra força e coragem.
 - c) A _____ cultural diz respeito com quem somos enquanto grupo.

7.3. Aula 3 - Contagem oral e registros de quantidades

Campos de Experiências: Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações; O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; e Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Componente curricular: Matemática

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.
- (EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.
- (EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
- (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros



de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

- (EF01MA01) Utilizar números naturais como indicador de quantidade ou de ordem em diferentes situações cotidianas e reconhecer situações em que os números não indicam contagem nem ordem, mas sim código de identificação.
- (EF01MA04) Contar a quantidade de objetos de coleções até 100 unidades e apresentar o resultado por registros verbais e simbólicos, em situações de seu interesse, como jogos, brincadeiras, materiais da sala de aula, entre outros.

Contextualização para as etapas:

1. Iniciar a aula com música “A galinha do vizinho”, estimulando os movimentos, gestos e a contagem oral.
2. Registrar a frequência da turma realizando a contagem oral das crianças presentes.
3. Retomar a poesia no cartaz da sala e destacar algumas palavras. QUILOMBOLA, FÉ, GUERREIRA, DOR, CORAÇÃO, FELICIDADE, AMOR e IDENTIDADE.

Pré-Escola I e II

4. Disponibilizar fichas com as palavras (QUILOMBOLA, FÉ, GUERREIRA, DOR, CORAÇÃO, FELICIDADE, AMOR e IDENTIDADE) acima para as crianças manusear, identificar e realizar a contagem das letras, fazendo registros no caderno.

1º e 2º Ano

4. Escrever no caderno os nomes destacados (QUILOMBOLA, FÉ, GUERREIRA, DOR, CORAÇÃO, FELICIDADE, AMOR e IDENTIDADE) e realizar a contagem das letras e das sílabas e fazer os registros no caderno.

7.4. Aula 4 - Território: Meu quilombo é meu mundo!

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: Geografia

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras.
- (EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.
- (EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.
- (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
- (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho.
- (EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola, etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.
- (EF01GE06) Descrever e comparar diferentes tipos de moradia ou objetos de uso cotidiano (brinquedos, roupas, mobiliários), considerando técnicas e materiais utilizados em sua produção.

Contextualização para as etapas:

Orientações: Organize seus estudantes em semicírculo e projete imagens de casa de quilombo. Peça aos estudantes que respondam à questão proposta no slide a partir do detalhamento da foto. Faça alguns questionamentos para que os estudantes participem expondo seus conhecimentos.

Vocês sabem quem são os quilombolas? Onde vivem? Como vivem? Como se vestem? Onde ficam suas casas? Essas casas se parecem com as que vocês conhecem?

Explore ao máximo a foto e as informações que os estudantes ofereçam a partir de sua leitura. É esperado que eles concluam que os quilombolas são pessoas comuns, que vivem como qualquer pessoa, em moradias que eles conhecem. Caso os estudantes já tenham estudado sobre a história do Brasil e se lembrem dos quilombos, explore o sentido da palavra quilombola e de onde ela deriva.



Pré-Escola I e II

1. Com o auxílio da professora, leia e pinte os tipos de materiais utilizados nas construções das casas num quilombo.

PALHA – TIJOLO – CIMENTO – TELHA – MADEIRA – CIMENTO – BARRO – CERÂMICA – ADOBE – BLOCO – CIPÓ

2. Desenhe sua casa.

1º e 2º ano

1. Leia e pinte os tipos de materiais utilizados nas construções das casas num quilombo. Palha – tijolo - cimento – telha – madeira – cimento – barro – cerâmica – adobe – bloco – cipó

2. Escreva as funções que você desenvolve nesses ambientes de sua casa e arredores.

Sala –

Terreiro –

Rio –

Banheiro –

Cozinha –

Quintal –

3. Em que ambiente de sua casa você passa mais tempo com sua família?

4. Desenhe sua casa.

7.5. Aula 5 - Identidade quilombola

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: História

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
- (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.

- (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura.
- (EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
- (EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
- (EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e /ou de sua comunidade.
- (EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade
- (EF02HI08) Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes.

Contextualização para as etapas:

1. Iniciar com uma roda de conversa sobre o conhecimento que os estudantes possuem sobre a identidade quilombola. Estimulando-os a expressar seus saberes e dúvidas sobre o assunto.
2. Após o diálogo inicial, o professor contextualiza o assunto, destacando exemplos, utilizando imagens e/ou foto de pessoas quilombolas reconhecidas e do contexto social, destacando a importância deste grupo social para a formação do povo e da cultura brasileira.
3. Destacar as principais palavras utilizadas no diálogo desenvolvido e escrevê-las no quadro.

Pré-Escola I e II

4. Construir cartazes coletivos, em pequenos grupos, com imagens e/ou fotos de pessoas quilombolas e a escrita de palavras escolhidas com auxílio de colegas de níveis avançados.
5. Expor os cartazes nos espaços das Escolas.
6. Finalizar realizando movimentos e gestos com a música “Peixe Vivo” com ritmo de berimbau.

1º e 2º ano

4. Construir cartazes coletivos, em pequenos grupos, com imagens e/ou fotos de pessoas



quilombolas e as palavras escolhidas.

5. Expor os cartazes nos espaços das Escolas.

7.6. Aula 6 - Ilustração da Poesia

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: Artes

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- (EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.
- (EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Contextualização para as etapas:

1. Retomar a poesia "Sou quem sou" no cartaz exposto.
2. Disponibilizar pedaços de retalhos de tecidos com estampas africanas e quilombolas para os estudantes visualizar e explorar, desse modo adquirindo inspiração para elaboração da arte.

Pré-Escola I e II

3. Leitura da poesia "Sou quem sou", realizada pelo/a professor/a para as crianças observarem atentamente.

4. Realizar ilustração da poesia "Sou quem sou", no caderno de desenho, buscando retratar a poesia. No sentido de estimular a criatividade, a concentração, a percepção visual e desenvolver as habilidades motoras.

1º e 2º ano

2. Fazer a leitura coletiva da poesia.

4. Realizar ilustração da poesia "Sou quem sou", no caderno de desenho, buscando retratar a poesia. No sentido de estimular a criatividade, a concentração, a percepção visual e desenvolver as habilidades motoras.

7.7. Aula 7 - Brincadeira cantada: Escravos de Jó

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: Educação Física

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
- (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
- (EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta.
- (EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.
- (EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.



Brincadeira cantada: Escravos de Jó

1. Em uma roda de conversa dialogar com os estudantes que os quilombolas também gostam de música, canto, dança e festas tradicionais.
2. Informar aos estudantes que esta é uma das brincadeiras cantadas africanas que utilizam pedrinhas para fazer a brincadeira e manter o ritmo cantado, buscando ampliar a concentração, ritmo, lateralidade, cooperação e motricidade fina.
3. Em formato de círculo, todos começam a cantar a música. As pedrinhas são transferidas para o colega que está do lado direito enquanto as crianças a baterem no chão no ritmo da música. Quando chegar no verso “Tira, põe, deixa ficar”, todos levantam e batem novamente as pedrinhas sem passar para o colega. No verso seguinte a passagem de pedrinhas é retomada, até que no trecho “Fazem zig-zig-zá” as pedras são movimentadas de um lado para o outro, mas sem as entregar a ninguém. Os jogadores que errarem algum movimento serão eliminados da competição, até que reste apenas o vencedor.

“Escravos de Jó

Jogavam cachangá

Tira, põe, deixa ficar

Guerreiros com guerreiros

Fazem zig-zig-zá

Guerreiros com guerreiros

Fazem zig-zig-zá”

7.8. Aula 8 - Respeito às diferenças étnicas-raciais

Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Componente curricular: Ensino Religioso

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e Habilidades:

- (EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
- (EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
- (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura.
- (EF03ER01) Identificar e respeitar os diferentes espaços e territórios religiosos de diferentes tradições e movimentos religiosos.
- (EF01ER03) Reconhecer e respeitar as características físicas e subjetivas de cada um.
- (EF01ER04) Valorizar a diversidade de formas de vida.

Contextualização

Contextualize o assunto: Respeito às diferenças étnicas-raciais e questione quais as palavras da poesia relacionam a questão do respeito.

Realize uma brincadeira de interação:

- a) Sente-se em frente ao seu colega, como se fosse o reflexo da sua imagem em seu espelho;
- b) Vamos começar a brincadeira siga o mestre, em que um fará movimentos para o outro seguir, depois troquem;
- c) Massageie seu rosto, sinto o contorno do nariz, boca, testa normal e quando está franzida, faça careta, apalpe suas orelhas, parte das mãos, cada dedinho dos dedos, cotovelo, joelho e pés;
- d) Observe se há diferença entre os que sente em seu corpo e o que vê em seu colega;
- e) Conversem sobre as semelhanças e diferenças que notaram;

3. Em seguida escreva no quadro questões motivadoras: Somos todos iguais? Por quê?



Quais são as nossas características?

4. Em dupla se ajudem para desenhar o contorno do corpo no papel, depois faça um autorretrato em tamanho real, e desenhem vocês da maneira que quiserem.
5. Ao final, realize uma exposição dos desenhos na sala de aula ou em outro espaço da Escola.

8. Avaliação

A avaliação da aprendizagem é uma ferramenta essencial para o educador, por permitir verificar se os objetivos propostos no planejamento pedagógico foram alcançados pelos estudantes. Ao realizar a avaliação, o professor pode identificar quais objetivos e/ou habilidades foram assimilados e quais ainda requerem maior atenção e intervenção. Essa prática possibilita uma reflexão constante sobre o processo de ensino, oferecendo informações valiosas para ajustes nas estratégias pedagógicas e para a melhoria contínua da qualidade da educação.

Além de verificar o alcance dos objetivos, a avaliação da aprendizagem também desempenha um papel importante no acompanhamento contínuo do desenvolvimento dos estudantes. Dependendo da metodologia, oferece um diagnóstico contínuo e detalhado, permitindo que o educador monitore o progresso individual e coletivo dos estudantes ao longo do tempo.

O acompanhamento ajuda a identificar tanto os avanços quanto as dificuldades enfrentadas por cada estudante, possibilitando intervenções pedagógicas mais precisas e personalizadas, que atendam às suas necessidades específicas e promovam uma aprendizagem mais significativa. Neste aspecto da avaliação, Luckesi (2000) avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-lo para produzir o melhor resultado possível: por isso não é classificatória, nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva.

Outra dimensão importante da avaliação da aprendizagem é a sua capacidade de considerar as especificidades locais e o contexto sociocultural dos estudantes. Uma avaliação que considera essas particularidades permite que o processo educacional seja mais inclusivo e equitativo, respeitando as diferentes realidades, culturas, saberes e práticas dos estudantes. Dessa forma, a avaliação torna-se não apenas um instrumento de medição do conhecimento, mas também uma prática reflexiva e dialógica que valoriza a diversidade, contribui para a construção de uma educação mais justa e promove o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

8.1. Avaliação na Educação Infantil

A avaliação da aprendizagem do desenvolvimento na Educação Infantil é processual, se materializa por meio do acompanhamento, da observação e do registro. É um processo contínuo que se desenvolve



ao longo do tempo, respeitando as especificidades de cada criança. Este processo é fundamentado na observação cuidadosa das atividades cotidianas, nas interações e nos comportamentos das crianças, permitindo que educadores identifiquem avanços, dificuldades e interesses de cada uma, para adaptar as práticas pedagógicas às suas necessidades individuais.

A avaliação nesta etapa se concretiza por meio do acompanhamento do desenvolvimento e da aprendizagem da criança. Utilizando da observação das potencialidades, os avanços, as estratégias e as fragilidades. É um processo contínuo que ocorre durante o percurso de ensino e aprendizagem, para monitorar o progresso das crianças e fornecer uma devolutiva com significado tanto para eles quanto para os educadores.

Desse modo, esta avaliação valoriza a participação ativa dos estudantes, incentivando a autorreflexão e a autonomia, ao mesmo tempo, em que ajuda os professores a tomarem decisões informadas para melhorar o processo de ensino.

Para que essa avaliação seja efetiva, é essencial o uso de registros detalhados, como anotações, fotos e vídeos, para montar relatórios, portfólios, cadernos de registros, dentre outros. Instrumentos avaliativos que documentam o desenvolvimento em diferentes aspectos, como cognitivo, emocional, social e motor. Esses registros auxiliam na construção de um olhar integral sobre a criança, possibilitando uma reflexão constante sobre as estratégias de ensino e promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo.

A LDB/1996 normatiza que a avaliação da Educação Infantil será mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. No mesmo sentido, as DCNEI (2010) orientam que as instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: a observação crítica e criativa das atividades; utilização de múltiplos registros; e a documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

8.2. Avaliação Diagnóstica na Pré-Escola

A Avaliação Diagnóstica identifica as fases de desenvolvimento dos grafismos e da escrita a fim de relacioná-las à aprendizagem. Ao planejar as atividades para sondagem diagnóstica nas turmas multisserieadas da educação do Campo, Indígenas e Quilombolas, é importante trazer as situações

concretas do cotidiano, utilizando elementos dos saberes e fazeres da comunidade onde vivem. Como exemplo, utilizar gêneros textuais que abordam temáticas relacionadas à cultura e identidade dos povos, como fio condutor das atividades planejadas.

8.2.1. Desenvolvimento do Grafismo

As etapas do desenvolvimento do grafismo infantil refletem a evolução das habilidades motoras, cognitivas e emocionais da criança à medida que ela explora e experimenta o desenho como forma de expressão.

Conforme os estudos de Vygotsky, fundamentado na Teoria Histórico-Cultural, são quatro (04) etapas do grafismo: etapa simbólica, etapa simbólico-formalista, etapa formalista veraz e etapa formalista plástica. Essas etapas são importantes para o desenvolvimento da criatividade, da coordenação motora e do pensamento simbólico, além de proporcionar um meio para a criança expressar sentimentos, ideias e percepções de forma única e pessoal.

Vygotsky (2000) efetua um recorte no desenvolvimento cultural do grafismo infantil desprezando a “pré-história” do desenho. A fase dos rabiscos, garatujas e “da expressão amorfa de elementos gráficos isolados” não interessa aos objetivos que ele possui em seu ensaio psicológico, pois realmente, o desenho, enquanto sistema semiótico, só existe efetivamente após o período dos rabiscos.

8.2.2. Etapas de desenvolvimento do grafismo infantil





8.2.3. Periodização da escrita infantil

A concepção de desenvolvimento que fundamenta a periodização é histórica e cultural e, portanto, a subjetividade não pode ser entendida alheia à forma como o indivíduo está inserido na sociedade. Fato que ratifica o papel da educação escolar na sociedade de classes de socializar o conhecimento historicamente acumulado para todos e promover as máximas possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos, como defende a pedagogia histórico-crítica.

Nessa perspectiva da periodização, a idade cronológica é apenas referencial e não determinante, já que a transição de um período a outro não acontece naturalmente, mas é dependente das condições de vida e educação.

Consoante os estudos de Vygotsky, na concepção da Teoria Histórico-Cultural, a periodização da escrita infantil divide-se em cinco (05) fases do grafismo: pré-instrumental, atividade gráfica diferenciada, escrita pictográfica, escrita simbólica (etapa inicial) e escrita simbólica.



8.2.4. Quadro de Evolução do Grafismo e Periodização da Escrita Infantil

Etapa Educação Infantil – Pré-Escola Bem Pequenas

Bimestre:	Evolução do Grafismo			
Turma:				
1.	<i>Nome das crianças</i>			
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				

Etapa Educação Infantil – Crianças Pequenas - Pré-Escola I e II

Bimestre:		Evolução do Grafismo				Periodização da Escrita Infantil			
Turma:									
1.	<i>Nome das crianças</i>								
2.									
3.									
4.									
5.									

8.3. Avaliação nos Anos iniciais do Ensino Fundamental

Sabe-se que a avaliação da aprendizagem é uma temática que assume diversos significados, os quais estão imbricados a diferentes contextos políticos, econômicos e sociais. Por essa razão, suas discussões não podem ser realizadas isoladamente, por estarem ligadas a questões mais amplas do campo educacional e, consequentemente, à estrutura social e às concepções de educação e sociedade.

As mudanças nas dinâmicas sociais exigem que os educadores analisem e avaliem de forma profunda e consciente suas práticas pedagógicas. Isso implica não apenas aplicar métodos de ensino, mas também considerar o impacto de suas decisões e abordagens no contexto social em que atuam, buscando sempre melhorar a qualidade da educação e atender às necessidades dos estudantes de maneira mais eficaz.

Em vista disso, a avaliação da aprendizagem constitui-se em um ato político e de poder que pode ser utilizada como instrumento de regulação, emancipação, controle, seleção, classificação, inclusão ou exclusão.

Em contrapartida, a avaliação da aprendizagem escolar, preparada pelos professores e equipe escolar devem estar “[...] a serviço das funções sociais da escola, dos objetivos do ensino, do projeto pedagógico da escola, do currículo, das metodologias” (LIBÂNEO, 2013, p. 199).

No que se refere às práticas avaliativas desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental, essa atividade é vista como um desafio por alguns professores, devido à dificuldade de encontrar métodos de avaliação que sejam adequados ao nível de aprendizagem e à realidade de cada aluno. Nessa etapa, carece de uma atenção por parte dos professores, pelo fato de nesta fase, acontecer a alfabetização e o início do processo de avaliação formal da aprendizagem do aluno na escola.

Nessa conjuntura, as justificativas do Ministério da Educação (MEC) e na documentação



legislativa sobre o ensino fundamental de nove anos é que a medida garante a ampliação do direito à educação para as crianças de 6 anos de idade, em especial as pobres e excluídas do sistema educacional. Naquele momento, foi considerado que as crianças de 6 anos das classes média e alta já estavam matriculadas em escolas, e que era necessário incluir as classes menos favorecidas.

A consideração de que as crianças de 6 anos ainda estavam fora da escola, seja pela não obrigatoriedade ou por não existir oferta de vagas suficientes na educação infantil pública, criou-se um aparente consenso de que o ensino fundamental de nove anos garantiria um maior número de estudantes matriculados nas escolas brasileiras e, assim, assegura a essas crianças a realização do seu direito à educação.

Essa prática demanda do professor que atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental o planejamento das primeiras etapas, o que pressupõe concepções sobre o que seria apropriado propor ou desenvolver com uma turma de estudantes em relação à sua faixa etária, condições socioculturais, capacidades cognitivas, entre outros aspectos relacionados ao conteúdo de aprendizagem. Do mesmo modo, o professor considera as possibilidades e interesses da turma, assim como destaca suas próprias expectativas, o currículo adotado pela escola, os recursos didáticos disponíveis e o tempo estipulado para a execução de seu planejamento.

O processo de avaliação nas séries iniciais do ensino fundamental pode oferecer subsídios significativos à prática diagnóstica e formativa do avaliador. Para isso, é fundamental que a avaliação assuma um caráter transformador, em vez de ser apenas uma constatação e classificação de estudantes nas escolas. Acima de tudo, deve-se valorizar a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Políticas de formação de educadores(as) do campo*. In: Educação do Campo. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157 – 176, maio/ago. 2007.

ARROYO. M. G. **Curriculum, territórios em disputa**. Petrópolis. RJ. Vozes. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n.º 11/2010**, de 7 de julho de 2010. Sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Brasília, DF: CNE/CEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

L. S VYGOTSKI. **Obras Escogidas**. 2. Ed: 2000.

L.S VYGOTSKY. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: 177 Cortez, 2011.

MALANCHEN, J. A. **Cultura, conhecimento e currículo: contribuições da pedagogia histórico - crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016 - (Coleção e educação contemporânea).

MALANCHEN, J. A. **Pedagogia Histórico-crítica e o currículo: para além do multiculturalismo das políticas curriculares nacionais**. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

TOCANTINS. **Documento Curricular Tocantins: Educação Infantil**. Palmas: Secretaria da Educação, Juventude e Esportes, 2019.



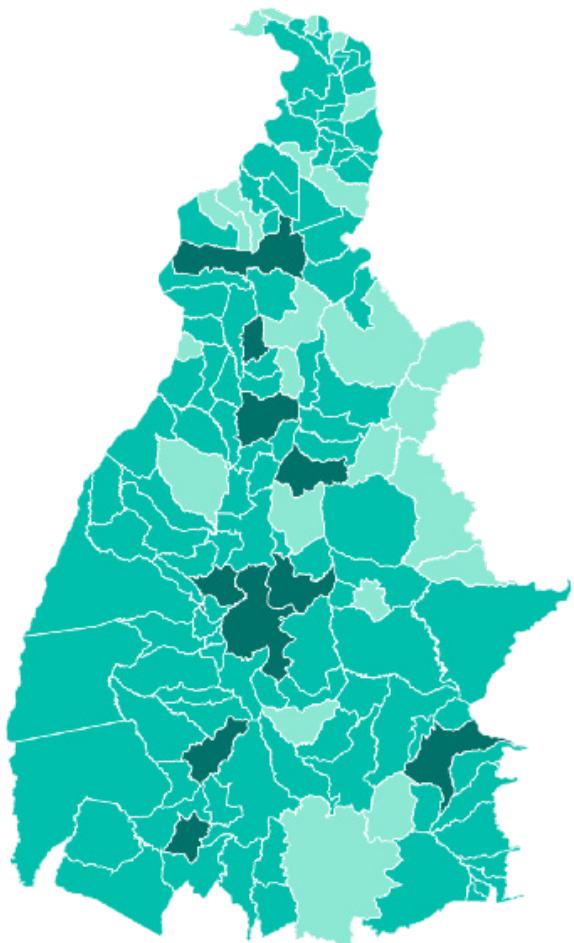
ANEXOS

Módulo I - Avaliação da Aprendizagem em sala Multisseriada na Educação do Campo, Indígena e Quilombola.

Vivência Prática: Qual o Currículo que temos e queremos? Vivência Mapa Falante

Objetivo da atividade:

Identificar o Perfil dos estudantes das turmas multisseriadas da Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais do Campo, Indígena e Quilombola do Tocantins



Onde estamos (escola)?

O que sabemos sobre o território?

Como percebemos aquilo que nos cerca cotidianamente?

O que esperamos da escola nesse território?

Atende que modalidades?

Como estão organizadas as turmas?

As turmas estão agrupadas em razão de alguma necessidade

ou de uma escolha pedagógica?

Cite potencialidades.

Cite fragilidades.



Módulo II - Curriculo e Planejamento na perspectiva do desenvolvimento humano no contexto escolar do campo, indígena e quilombola

Vivência Prática: Meu Território

Qual o Curriculo que temos e queremos?

Objetivo: Construir um mural com as principais temáticas que representam os territórios em que as escolas estão localizadas.

No meu território temos:	
Temáticas	Vivências comunidade
Meio Ambiente	Plantas medicinais, produção de capim dourado, cerrado
Cultura	Jogos, festas tradicionais, quebra do coco babaçu, artesanato com o coco babaçu.
Economia e trabalho	Agricultura Familiar, pescaria, produção de azeitão, rapadura, artesanato, produção de farinha, produção de queijo,
Trabalho	Pescaria, produção de farinha, milho, banana, abóbra Pecuária, criação de tartarugas
Religião	Festas tradicionais religiosas

Módulo III - Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das capacidades de leitura, escrita e numeramento

Vivência Prática: O Varal de Suportes e Instrumentos para Leitura e Escrita

Após trabalhar os gêneros textuais como uma possibilidade para elaborar práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita, os cursistas realizaram esta Vivência Prática. Foi um momento de atividade coletiva, no qual elaboraram uma relação de suportes e instrumentos para leitura e escrita, a fim de aplicá-la nas turmas multisseriadas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, voltadas à Educação do Campo, Indígena e Quilombola.

Suportes de Leitura	
Alfabeto	Alfabeto móvel
Aparelho digital	Argila
Banner	Bilhete
Bingo de sílabas	Bula de remédio
Bulás	Caderno de Registro
Caça-palavras	Cardápios
Carta	Celular
Cartaz	Convite
Comunicado	Cordel
Data show	Crachá
Dominó silábico	Fichas
Dramatização	Gibis
Letra da música	Hino
Imagens	Informações
Jogos	Jogo da memória
Jornais	Material ilustrado
Leitura microfonada	Massa de modelar
Listas	Livro
Mídias	Quadro
Música	Receita
Objetos e Brinquedos	Redes sociais



Outdoors	Revista
Painel de leituras	Rótulo
Paisagem	Teatro
Panfletos	Televisão
Papel	Vídeos
Poema	

Suportes de Escrita

Apagador	Jogo de memória
Aparelhos digitais	Madeira
Areia	Notebook
Banco de palavras	Objetos
Barbante	Palha natural
Caderno	Papel
Caixa de areia	Papel fotográfico
Cartazes	Papel kraft
Carteiras	Papel madeira
Cartolina	Papel manteiga
Chão	Papel pardo
Cruzadinha	Papelão
Datashow	Parede
Descrição de figura	Paródia
Desenhos	Produção coletiva
Diário de escrita	Produção de quadrinha
Dicionário	Produção textual
Ditado mudo/visual	Quadro
Dominó Silábico	Quadro magnético
Elementos da natureza	Recorte colagem
Embalagens	Reescrita
Entrevista	Registro
EVA	Roteiro de escrita
Feltro	Rótulos
Flipchart	Tablet
Folhas	Tecido
Grãos	Texto
Gravuras	Texto coletivo
	Vivências

Suportes de Escrita

Caneta	Pincel de pintura
Canetinha hidrocor	Pincel de quadro branco
Carvão	Sementes
Folhas	Tinta Guache
Giz branco	Tinta Natural
Giz de cera	Marcador
Graveto	Caneta permanente
Lápis de cor	Lapiseira
Lápis de cor jumbo	Pena
Lápis de escrever	Esponja
Pincel	
Pincel atômico	
Pincel de folhas	

Módulo IV e V - O trabalho com a diversidade de gêneros discursivos: práticas de letramentos

Vivência Prática: Produção de pulseiras com miçangas e sementes

A produção de pulseiras com miçangas e/ou sementes teve como objetivo trabalhar os conhecimentos matemáticos de maneira interdisciplinar, além de adotar uma perspectiva integradora da totalidade. A atividade demonstrou possibilidades para o desenvolvimento nas turmas multisserieadas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, voltadas à Educação do Campo, Indígena e Quilombola. Contextualizamos a produção com o Texto Fio de Contas da professora Mariana.



Texto - Fio de contas¹

(Mariana Pellatieri - E.M.E.F. Padre Emílio Miotti - Município de Campinas,SP)

Meu nome é Mariana Pellatieri, leciono para uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, composta por 24 alunos.

A minha sala é organizada, geralmente, com as carteiras em círculo e os alunos sentam de acordo com o planejamento do dia. Acredito que essa disposição, em que os alunos podem ver uns aos outros, possibilita uma melhor interação, principalmente nos momentos de socialização e discussão de ideias. Quando não usamos essa organização, trabalhamos em grupos ou em duplas, dependendo da proposta de atividade.

Juntamente com outras professoras de primeiro ano, elaboramos uma sequência de atividades com o fio de contas com o intuito de ser uma transição para o trabalho com a reta numérica. Nossa objetivo era trabalhar com as ideias de adição e conservação a partir de um material manipulável como uma transição para os registros escritos.

Elaboramos a sequência de atividades com o fio de contas da seguinte forma:

construir com os alunos o fio até o 40 (separando as dezenas por cores); propor alguns problemas para serem resolvidos usando o fio de contas.

Para iniciar o trabalho eu levei para a sala um fio de contas montado. Mostrei para os alunos e perguntei: "O que vocês acham que é isso?". As respostas me surpreenderam. Todos tinham alguma ideia sobre o que era aquilo e a discussão foi longe:

Lari: – Acho que é um colar.

Nick: – Eu acho que é um presente para darmos às nossas mães.

Professora: – Olha só, isso aqui tem um nome. Chama-se fio de contas. O que será que a gente pode fazer com isso?

Crianças: – A gente pode fazer contas.

Professora: – É fio de contas porque cada bolinha dessa se chama conta, mas será que é pra fazer contas?

Mari: – É sim Prô! Eu já vi isso só que era um pouco diferente. Era assim...tinha esse fio aí com as bolinhas, mas eram três fios e tinha uma madeirinha em volta. Daí tinha os números até dez e um reloginho no canto (ábaco horizontal).

¹ Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2014).

Professora: – Ah! Acho que eu estou entendendo o que a Mari está falando. Vou fazer o desenho aqui na lousa pra ver se entendi direito.

Professora: – É disso que você estava falando?

Mari: – Isso, Prô! Minha prima falou que é pra fazer continha. Ela tem um.

Tami: – Tem um igual só que é diferente Prô. Tem uns palitinhos de pé não é com bolinhas, são com rodinhas coloridas (ábaco vertical).

Expliquei que aquilo que elas estavam descrevendo chamava-se ábaco e que, apesar de não ser a mesma coisa que o fio de contas, é bem parecido. Assim demos continuidade à discussão:

Professora: – Olhando para o fio vocês sabem me dizer quantas contas tem aqui?

Crianças: – Cem! Vinte! Mil!

Professora: – Olha só. Vou separar as contas roxas. Quantas vocês acham que tem aqui?

Vini: – Acho que tem dez!

Professora: – Vamos ver se tem dez?

Fizemos a contagem em voz alta e confirmamos a hipótese de Vini. Então separei as contas brancas e perguntei:

Professora: – E aqui, quantas tem?

Eri: – Tem dez também, porque está do mesmo tamanho.

Professora: – Será? Vamos ver se tem dez mesmo? Tem dez também, então até agora a gente já contou quanto?

Vini: – Vinte, porque dez mais dez é vinte, Prô.

Professora: – Então será que aqui pode ter cem ou mil?

Crianças: – Não!

Professora: – Então quanto será que tem?

Eri: – É fácil Prô! É só fazer vinte mais vinte, porque do outro lado também tem vinte.

Daí a gente descobre.



Professora: – E quanto é vinte mais vinte?

Eri: – Eu não sei, mas a gente pode contar o resto.

Professora: – E pra contar o resto a gente precisa contar tudo de novo?

Vini: – Não Prô, é só continuar do vinte e um.

E assim fizemos a contagem partindo do vinte e um e chegamos ao quarenta.

Em seguida fizemos a contagem dos meninos e das meninas que estavam presentes no dia: 13 meninas e 8 meninos. Então, perguntei a eles como ficaria no fio as 13 meninas:

Vic: – É só pegar todas as roxas e três brancas.

Professora: – E pra colocar os oito meninos?

Eri: – A gente pega as outras brancas e uma roxa. Daí dá oito.

Professora: – E agora? Olhando aqui pro fio dá pra saber sem contar tudo de novo quantas crianças vieram hoje?

Lari: – Dá sim Prô. Tem vinte e uma. Porque duas partes é vinte e mais uma bolinha branca, vinte e um.

Após toda a discussão cada criança confeccionou o seu fio de contas e eu propus a eles o seguinte problema: Pedro tinha sete maçãs. Ana deu a ele mais cinco maçãs.

Quantas maçãs Pedro tem agora?

Depois de ler o enunciado pedi que, com o fio de contas, as crianças resolvessem esse problema. A maioria chegou ao resultado rapidamente, outros precisaram de auxílio para entender o que o problema estava dizendo.

Com o resultado no fio pedi que cada um explicasse como havia resolvido o problema. A maioria colocou as sete maçãs no fio, juntou com as cinco e chegou ao resultado. Durante as explicações eles diziam: “Daí eu contei dez roxas mais duas brancas deu doze maçãs”. Mas o aluno Fê, resolveu o problema de outra maneira e sua explicação foi a seguinte: “Eu peguei metade do roxo pra por as maçãs que ele ganhou, daí eu peguei a outra metade e coloquei mais duas brancas e deu doze”.

Para finalizar, pedi para que cada um registrasse a forma como resolveu o problema e na maioria dos registros o fio apareceu como forma de representação da operação e o movimento de pensamento de cada um.

Fiquei muito empolgada com toda a discussão. Esperava que eles fossem ter mais dificuldade em entender a ideia de conservar as dezenas. Mas percebi que a possibilidade de visualizar as dezenas, movimentar, separar e juntar que o material oferece, facilitou muito, não só a conservação, mas as ideias de adição e o momento da socialização, já que era possível mostrar para os colegas reproduzindo no fio a forma como cada um havia pensado para resolver o problema.

Resultados da Vivência Prática Arte matemática: Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autoras: Eduarda Martins - Município: Silvanópolis

Maria Beatriz - Município: Campos Lindos

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Interagir
- Dialogar
- Comunicar ideias
- Producir a peça
- Aprender unidade, dezena e dúzia
- Realizar cálculos de adição, subtração, multiplicação e divisão
- Ampliar o raciocínio lógico



Trabalhar a sequência numérica

Abordar os números naturais

Ensinar os números ordinais

Ensinar problemas

Aprender as cores

Estimular o empreendedorismo

Trabalhar antecessor e sucessor

Utilizar a contação de história

Incentivar a leitura.

Materiais: Miçangas coloridas, fio náutico, pingente coroa de princesa.

Comentário das autoras: Segundo Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do estudante se dá por meio da interação social, com outros indivíduos e com o meio, dessa forma a interação possibilita a geração de novas experiências e conhecimentos. Com o objetivo de contribuir no diálogo, nas interações, na comunicação das ideias para a alfabetização matemática, além da aprendizagem da leitura e da escrita, com a mediação do professor, e principalmente na intencionalidade pedagógica para ensinar de forma a ampliar as possibilidades da aprendizagem dos nossos estudantes, utilizando das ferramentas que nos rodeiam, como por exemplo, o colar de pérolas, que nos possibilita trabalhar de forma interdisciplinar, na abordagem integradora da totalidade.

Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autora: Eliane Fátima – Município de Arraias

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Perceber que uma quantidade pode estar relacionada com diversas formas de sequenciação.
- Ampliar a concentração
- Desenvolver o raciocínio lógico
- Realizar contagem numérica
- Compreender a sequência numérica
- Compreender unidade, dezena e dúzia
- Estimular o empreendedorismo
- Educação Financeira
- Explorar a criatividade
- Trabalhar as cores
- Identificar quantidade
- Desenvolver a criatividade
- Promover o aprendizado matemático
- Entender e dominar conceitos matemáticos de uma forma lúdica
- Desenvolver a coordenação motora
- Acreditar em suas próprias habilidades para resolver situações problemas
- Trabalhar números, geometria, quantidade e medidas
- Compreender as 4 operações matemática
- Motivar o pensamento lógico e a solução de problemas.



Produção de pulseiras e colares com sementes e elementos da natureza



Autores: Maria Inês de Deus Martins – Município: Formoso do Araguaia – TO

Professor convidado: Ricardo Tenaxi Javaé - Tradutor da Língua Iny Rybè Javaé, voluntário da Escola Municipal Dom Alano (Aldeia Canoanã).

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Coordenação motora manual (enfiar as sementes nas cordinhas);
- Desenvolver a habilidade de estimar medidas antes de realizá-las;
- Noções de grandezas e medidas;
- Comparar objetos utilizando as grandezas de comprimento, peso e volume;
- Realizar medições simples com o uso de instrumentos adequados (cordinhas de buriti e mureré);
- Sequência numérica de 1 a 40 (quantidade de sementes usadas nas peças);
- Perímetro (contorno das figuras geométricas usando os colares);
- Noções de grandezas e medidas (maior /menor e alto/ baixo);
- Comparar objetos utilizando as grandezas de comprimento, peso e volume;

- Dominar a noção de esquerda/direita em relação ao corpo e ao ambiente;
- Explorar a lateralidade para o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças indígenas;
- Agrupamentos;
- Perímetro;
- Estimular a observação e a comparação de quantidades;
- Antecessor e sucessor;
- Fomentar o trabalho em grupo, interação.

Relato da professora Maria Inês:

“Nessa construção de colares, pulseira de sementes nativas da Ilha do Bananal -TO, também na observação das particularidades indígenas de cada etnia, as mães, professores aproveitam essa ambiência rica da oficina de artesanato para ensinar contar, medir, confeccionasse as pulseiras utilizando sementes, fibras de buriti, mureré, de acordo a sua cultura, bem como, respeitando a ideia ritualística do povo Javaé, que acompanha o processo de produção, referindo o povo Javaé e Karajá. Explorando a rotina da aldeia, nas oficinas de artesanatos das mulheres, das famílias”.

Oficina de colares de sementes nativas da Ilha do Bananal - TO

Materiais Necessários:

1. Cordinhas de buriti ou de mureré.
2. Sementes nativas da Ilha do Bananal - TO (agrupar).
3. Cartões com números (de 1 a 10).
4. Materiais diversos para construção de figuras (papel colorido, tesoura, cola, etc).



Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autores: Neuzaerley Liliana e Idelton Gonçalves Município: Monte do Carmo
Rosa Maria - Município: Goiatins -TO

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Primeiramente separamos o material para a realização da atividade que trabalharemos;
- Confecção do colar;
- O pingente permitirá trabalhar a história: "A Cinderela e o sapatinho de cristal";
- Desenvolver a leitura e escrita da história;
- Estimular a leitura através de elementos chamativos;
- Explorar as cores;
- Explorar as formas das miçangas;
- Trabalhar tamanhos;
- Realizar atividades prévias sobre o conhecimento de quantidades;
- Explorar o conhecimento de unidades e dezenas;
- Trabalhar o conhecimento com duzia, pois o colar foi feito com essa intenção.

Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autora: Francisca Dias Coutinho – Município de Itacajá

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Tamanhos: grande e pequeno
- Quantidade
- Variedade de cores
- Comprimento
- Empreendedorismo
- Unidade
- Dezenas Sequência
- Gráficos
- Antecessor
- Sucessor
- Sustentabilidade
- Cuidado e respeito a natureza
- Cultura Indígena



Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autora: Lígia Siqueira – Município: Abreulândia – TO

Noelia Mantezuma – Município: Mateiros – TO

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Desenvolver atividade matemática através das pulseiras de miçangas utilizando dezenas e unidades;
- Desenvolver atividade com dúzia através das miçangas;
- Praticar a Educação Empreendedora;
- Explorar as cores através das pulseiras de miçangas;
- Contar história.

Produção de pulseiras e colares com sementes e elementos da natureza



Autoras: Irismar Alves Rêgo - Município: São Miguel do Tocantins;

Jacirene Wakedi de Brito Xerente - Município: Tocantínia;

Mayka Gomes Ribeiro - Município: Ponte Alta do Tocantins

Os conhecimentos que os estudantes podem desenvolver:

- Estimular a concentração;
- Praticar o empreendedorismo;
- Explorar o sistema monetário;
- Desenvolver a coordenação motora;
- Aprender sobre unidade, dezena e centena;
- Compreender os tamanhos diferentes;
- Trabalhar sobre a sequência numérica;
- Aprender sobre simetria, medidas de comprimento e formas diferentes;
- Explorar as cores;
- Desenvolver produção textual;
- Aprender sobre a vegetação e conhecer sobre a origem das sementes;



- Estimular a preservação da natureza;
- Aprender sobre a cultura e o território.

Como fazer: Pulseira de sementes do território Indígena Xerente.

- Ao preparar o material para fazer pulseira.
- Preparar-se a cordinha de tucum.
- Depois fura o sabonete o caroço preto pra colocar no meio de titica e murugum.
- Em seguida colocar agulha na cordinha.
- A cada semente é contada a mesma quantidade pra sair igual.
- Começa com murugum e em seguida a pedrinha preta e continua murugum e titica colocando dez em dez.

Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autoras: Deuzuita Bernaldo Silva - Município de Pium - TO

Edna Pereira da Silva - Município de São Sebastião do Tocantins

- Conhecimentos que podem desenvolver com os estudantes a partir da produção e do uso do colar ou pulseira;
- Participar de produção de um colar ou pulseira de miçangas, sementes ou outro instrumento; Demonstrar interesse em participar das atividades propostas;
- Desenvolver a criatividade de montar o colar ou pulseira;

- Ampliar a concentração ao produzir a pulseira ou colar;
- Estabelecer relações de quantidades;
- Identificar tamanhos, cores e formas;
- Praticar a coordenação motora fina;
- Realizar a contagem das miçangas com as miçangas.
- Reconhecer unidade de medidas como unidade, dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, etc.; Realizar roda de conversa sobre a história dos utensílios utilizados;
- Identificar texturas dos utensílios;
- Enriquecer a criatividade em desenvolver a atividade proposta;
- Explorar sequência numérica, ordem crescente e decrescente, sucessor e antecessor. Grandezas de medidas, comprimento;
- Incentivar o empreendedorismo aos alunos a montar uma feira de colares e pulseiras com intenção de obter valore/lucros;
- Organizar um espaço para realização da feira;
- Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário;
- Resolver situações simples do cotidiano, envolvendo adição, subtração, multiplicação e divisão, em situação de compra e venda de produtos;
- Estimular na produção de propagandas dos produtos produzidos;



Produção de pulseiras e colares com miçangas e sementes



Autoras: Allyne Duarte Araújo - Município: Tocantinópolis - TO

Creunice de Moura Chaves - Município: Buriti do Tocantins - TO

Maria Inês de Deus Martins -Município: Formoso do Araguaia-
-TO

Na imagem I se pode abordar:

- Medidas de comprimento;
- Sequência numérica de 1 a 36;
- Geometria a partir das formas;
- Medidas: maior e menor;
- Dezenas e unidades;
- Lateralidade: frente e atrás, esquerda e direita;
- Círculo: forma e circunferência;
- Agrupamentos;
- Cores;
- Ideia de adição;
- Criatividade.



Na imagem II se aborda:

- Forma;
- Cor;
- Medida de comprimento;
- Quantidade;
- Textura como liso e áspero;
- Sequência numérica;
- Antecessor e sucessor;
- Tamanhos como grande e pequeno;
- Dúzia e unidade;
- Números pares e ímpares.

Nessa construção de pulseira e na observação das particularidades indígenas de cada etnia, no caso Javaé da Ilha do Bananal e dos Apinajés no norte do Tocantins, seria solicitado aos estudantes que, confeccionasse as pulseiras utilizando sementes, miçangas, cores e fibras de acordo a sua cultura, bem como, respeitando a ideia ritualística que acompanha o processo de produção, no caso dos Apinajés. Além disso, a confecção de pulseiras, considerada no dia a dia do campo como uma atividade artesanal, possibilita explorar a perspectiva de comércio e, dessa forma ocasionar o empreendedorismo, a criatividade, incentivar atividades coletivas e ocasionar a disseminação da cultura, seja ela regional como também étnica cultural de um povo.



PROGRAMA
EDUCATO

Formação Continuada, Planejamento, Acompanhamento, Monitoramento
e Avaliação do Processo de Gestão e Prática Pedagógica



ORIENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA SALAS MULTISERIADAS

**EDUCAÇÃO DO CAMPO,
INDÍGENA E QUILOMBOLA**

JARDILENE GUALBERTO PEREIRA FOLHA
LAYANNA GIORDANA BERNARDO LIMA
LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES
ELAINE AIRES NUNES

Jardilene Gualberto Pereira Folha
Layanna Giordana Bernardo Lima
Laurenita Gualberto Pereira Alves
Elaine Aires Nunes

ORIENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA SALAS MULTISERIADAS: Educação do Campo, Indígena e Quilombola

Programa EducaTO-RCT
Coleção Caderno Pedagógico



Palmas-TO
2024

Universidade Federal do Tocantins
Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT

Reitor

Luís Eduardo Bovolato

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos

Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de

Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial Presidente

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes

Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas

Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar

Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Universidade Federal do Tocantins

Reitor

Luís Eduardo Bovolato

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr Eduardo Cezari

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. Dra Karilleila dos Santos Andrade

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Profa. Dra Maria Santana Ferreira dos Santos

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação,

Desigualdade Social e Políticas Públicas (NEPED-UFT)

Dra Cleivane Peres dos Reis

Dra Doracy Dias Aguiar de Carvalho

Ms Elaine Aires Nunes

Dra Francisca Lopes da Silva

Dr Joedson Brito dos Santos

Dr José Carlos da Silveira Freire

Dr José Wilson Rodrigues de Melo

Dra Juciley Silva Evangelista Freire

Dra Layanna Giordana Bernardo Lima

Dr Roberto Francisco de Carvalho

Dr Rubens Martins da Silva



EDIÇÕES NEPED/UFT

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE

Profa. Dra Juciley Silva Evangelista Freire

Universidade Federal do Tocantins – UFT/Campus Palmas

MEMBROS:

Profa. Dra Cleivane Peres dos Reis

Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Campus Palmas

Profa. Dra Francisca Rodrigues Lopes

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)/Campus Tocantinópolis

Prof. Dr Joedson Brito dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Dr José Wilson Rodrigues de Melo

Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Campus Palmas

Profa. Dra Layanna Giordana Bernardo Lima

Universidade Federal do Tocantins (UFT/Campus Miracema

Prof. Dr Rubens Martins da Silva

Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)/Palmas-BR

Profa. Dra Kilza Fernanda Viveiros – UFRN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/Natal -BR



**Contribuições
Cursistas da Turma ECIQ**

Coordenador da RCT

Leonardo Victor dos Santos

Coordenadora EducaTO

Elâine Aires Nunes

**Material Instrucional/Elaboração
de Conteúdo**

Jardilene Gualberto Pereira Folha
Layanna Giordana Bernardo Lima
Laurenita Gualberto Pereira Alves
Elâine Aires Nunes

Departamento de Produção

Revisão Linguística e Tipográfica

Juciley Silva Evangelista Freire
Ana Carmen de Souza Santana
Katya Lacerda Fernandes
Maria Irenilce Rodrigues Barros

Projeto Gráfico / Diagramação

Juniezer Barros de Souza

Allyne Duarte Araújo

Creunice de Moura chaves

Deuzuita Bernaldo Silva

Edna Pereira da Silva

Eliane Fátima Soares de Jesus

Eulaina de Sousa Cavalcante

Eunice Castro Nunes

Irismar Alves Rego

Jacirene Xerente

Leonina Pereira Saraiva

Lígia Alves de Siqueira

Maria Beatriz do Socorro Oliveira Teixeira

Mayka Gomes Ribeiro

Neuzerley Liliana de Farias

Noelia Mantezuma de Oliveira

Robervânia Rocha Silva

Simonia de Souza Reis